



Relato de Experiência

Originals recebidos em 28/02/2017. Aceito para publicação em 23/05/2017. Avaliado pelo sistema double blind peer review. Publicado conforme normas da ABNT. Open access free available online. Ano 5, n. 8, p. 58-67, jul./dez. 2018.

O Novembro Azul vai à escola: uma intervenção didática aplicada em uma escola estadual de Teixeira de Freitas, Bahia

Gabriel Leandro Gomes ¹ - gabrielleandro.ied@gmail.com

Édila Dalmaso Coswosk ² - ecoswosk@uneb.com.br

Liziane Martins ² - lizimartins@gmail.com

RESUMO

No Brasil o câncer de próstata é a segunda doença mais significativa em número de diagnósticos entre os homens. Esse índice está ligado à aceitação dos exames clínicos para a detecção do câncer. Como resposta a essa cultura machista, foram desenvolvidas campanhas, denominadas no Brasil como Novembro Azul. Uma intervenção foi aplicada nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, através do Programa PIBID/Capes, tendo como ponto norteador os aspectos históricos do movimento, bem como a saúde do homem.

PALAVRAS-CHAVE

Escola. PIBID/Capes. Novembro Azul. Saúde do homem.

ABSTRACT

In Brazil, prostate cancer is the second most significant disease among men. This index is linked to the acceptance of clinical examinations for the detection of cancer. In response to this male chauvinist culture, campaigns were developed in Brazil called Blue November. An intervention

¹ Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID/UNEB - Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, DEDC / UNEB / CAMPUS X.

² Coordenadora de área do PIBID/UNEB – Profª. do curso de Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, DEDC / UNEB / CAMPUS X.

was applied in the 1st, 2nd and 3rd years of high school, through the PIBID/Capes Program, having as the historical aspects of the movement, as well as the health of man.

KEYWORDS

School. PIBID/Capes. Blue November. Health of man.

1 Relato de experiência

No Brasil, o câncer é um problema de saúde pública, sendo o câncer de próstata a segunda doença mais significativa de diagnóstico entre o sexo masculino, com uma representatividade de 10% (SOARES, 2014). Esse índice está ligado à dificuldade de os homens aceitarem os exames clínicos para a detecção de um possível câncer devido a posicionamentos relativos a heterossexualidade masculina (DE LIMA & HAHN, 2016).

Esse modelo de masculinidade é desenvolvido durante a formação do indivíduo, ultrapassando relações biológicas do corpo humano, sendo, assim, ligados a atribuições sociais que, por sua vez, fundamentam-se com base no machismo, onde se estabelecem os padrões da heterossexualidade. Qualquer contraponto a esses padrões, ou alusão à homossexualidade, são rejeitados (DE LIMA; HAHN, 2016).

Como resposta a essa cultura machista, foram desenvolvidas campanhas de sensibilização, denominadas no Brasil como Novembro Azul, estabelecidas pelo Instituto Lado a Lado pela Vida (BOAVENTURA; ELOI; MARINS, 2017). Devido a essa mobilização nacional, espaços foram gerados para discussões sobre o tema em diversas esferas da sociedade, porém uma se destaca pelo seu natural objetivo instrutivo: o espaço escolar formal.

Sob essa perspectiva, atividades extensionistas desenvolvidas pelo projeto intitulado “A transversalidade da Saúde no Ensino de Ciências Biológicas: Uma interlocução entre Educação Superior e a Educação Básica”, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/Capes), foram realizadas acerca dessa temática, tendo como ponto norteador os aspectos históricos do movimento, assim como os aspectos biológicos relacionados ao sistema reprodutor masculino, bem como a saúde do homem.

O presente relato tem como objetivo apresentar uma intervenção desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/Capes), em parceria com Colégio Democrático Ruy Barbosa, na qual se buscou sensibilizar os alunos acerca da campanha Novembro Azul, fomentando discussões sobre aspectos relacionados à saúde do homem.

A intervenção foi aplicada nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio no período matutino, localizado na cidade de Teixeira de Freitas, extremo sul da Bahia, através de aulas expositivas e dialogadas, com duração de 140 minutos para cada turma. A intervenção foi dividida em três datas diferentes com o intuito de contemplar todas as turmas do ensino médio.

As discussões foram norteadas a partir do levantamento prévio acerca da campanha Novembro Azul (Figura 1), pontuando os principais aspectos sobre a saúde e bem-estar do homem, voltados ao cuidado para com o sistema reprodutor masculino, dando ênfase para a próstata e os riscos ocasionados pelo surgimento do câncer e a negligência da não realização dos exames clínicos.

Figura 1: Aula inicial sobre o Novembro Azul na turma de 1º ano do ensino médio.

Fonte: Acervo do PIBID/Capes.



Posteriormente, foi lido o relato de Fernando Maia intitulado “Eu tive Câncer de Próstata!”, publicado em 2012 na plataforma blogger.com (<https://papodehomem.com.br/eu-tive-cancer-de-prostata/>). Nesse relato, o autor conta as suas experiências com o *câncer*, com o intuito de humanizar as discussões, gerar espaços para reflexão e desmistificar paradigmas.

As turmas tiveram diferentes repostas no decorrer da intervenção. Os primeiros anos do ensino médio possuem um aporte teórico menor com relação aos outros anos. Apesar de terem visto conceitos básicos sobre a anatomia humana, houve dificuldade em compreender algumas estruturas, principalmente devido à nomenclatura (Figura 2).



Figura 2: Aula de anatomia sobre o sistema reprodutor masculino para o 1º ano do ensino médio
Fonte: Acervo do PIBID/Capes.

Nas turmas de 2º ano do ensino médio, as observações sobre o ensino de anatomia continuam sendo evidentes, porém os termos são mais familiares. Já as turmas de 3º ano possuem um aporte teórico mais amplo e com isso, os aspectos discutidos sobre a formação do câncer foram mais bem compreendidos, ainda que alguns pontos se repitam no que diz respeito às discussões relatadas nas demais séries (Figura 3).

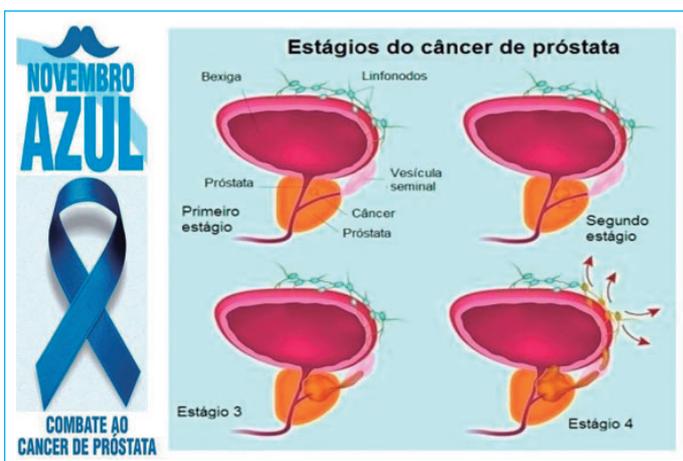


Figura 3: Aula sobre o processo de desenvolvimento de um câncer e porque ocorrem estas mudanças.
Fonte: Acervo do PIBID/Capes.

Os exames clínicos foram os assuntos mais comentados, principalmente o toque retal. Aspectos como o machismo e a visão de homem heterossexual ainda permearam as discussões sobre o toque, assim como a associação à homossexualidade. Segundo Gomes et al. (2008), os constructos masculinos atravessam justamente pontos de insegurança regidos pela homossexualidade e impotência.

Nas turmas de 1º e 2º anos, o engajamento feminino foi maior, demonstrando uma preocupação pelo assunto devido às relações que as meninas possuíam com pessoas do sexo masculino, o que reflete sobre as questões socioculturais do cuidado em saúde, como atribuição ao sexo feminino (PEGORARO; CALDANA, 2008). Discutir questões de saúde masculina conduz a inquisições acerca das constituições de gênero na sociedade e revela o desafio da busca por igualdade, seja no cuidar ou no ser cuidado.

Diferente das outras turmas, nos 3º anos não houve uma predominância feminina, mas também não houve muitas reações positivas por parte dos homens com a ideia do exame de toque. Possivelmente essa reprovação para com o exame está relacionada com uma conotação sexual (BELINELO et al., 2014).

Diferente do que De Lima e Hahn (2016) relatam, a próstata em si não permeou o imaginário masculino dos alunos, mas o fato de ser tocado nas regiões associadas à mulher gera os sentimentos de impotência. Entretanto, mesmo que a visão seja outra, a saúde do homem ainda é ameaçada pelas dificuldades clássicas relacionadas ao toque (LOURO, 2016).

No que tange às discussões, após a leitura do texto de Fernando Maia, as discussões foram mais fomentadas novamente pelas mulheres do que pelos homens, ainda que perguntas fossem direcionadas para eles. Entretanto, foi possível perceber uma abertura no processo de discussão.

As ações educacionais em saúde poderão contribuir para que aspectos incoerentes, oriundos do machismo, sejam desconstruídos, reduzindo a taxa de homens acometidos com o surgimento de um câncer. Discutir e questionar as questões da construção social de gênero foi importante neste trabalho.

Vale salientar que o PIBID/Capes se fez indispensável para a organização e execução da intervenção, demonstrando, mais uma vez, a importância do desenvolvimento de projetos voltados à prática docente.

Por fim, ainda é necessário um intenso trabalho de sensibilização devido ao pensamento machista predominante na formação sociocultural do nosso país, e a escola em parceria, juntamente com projetos e/ou universidades, pode ser uma grande aliada no processo de redução de mortes por câncer de próstata no Brasil.

2 Referências

BELINELO, R. G. S. et al. Exames de rastreamento para o câncer de próstata: vivência de homens. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 18, n. 4, 2014, p. 697-704.

BOAVENTURA, ELOI, N. & MARINS, I. Novembro Azul: campanha de conscientização sobre o câncer de próstata nos telejornais locais da TV Globo Nordeste. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Fortaleza. 2017.

DE LIMA, R. B.; HAHN, G. V. Câncer De Próstata E Sua Relação Com A Sexualidade Masculina: Produção Científica Brasileira. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 8, n. 3, 2016.

GOMES, R. et al. As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 1975-1984, 2008.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, [S.I.], v. 19, n. 2, p. 17-23, fev. 2016.

MAIA, F. C. T. **Eu tive Câncer de Próstata!** 2012. Disponível em <http://eutivecancerdeprostata.blogspot.com.br/2012/>. Acesso em 06 Fev. 2018.

PEGORARO, R. F.; CALDANA, R. H. L. Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 82-94. 2008.

SOARES, A. S. **Câncer de Próstata** As Barreiras para realização do toque retal. Trabalho de conclusão de curso (especialização) em Atenção em Saúde da Família. Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. 26p.